

SOFIA

Thiago Toscani

Bastou uma lágrima para que Afonso retirasse tudo o que disse sobre Sofia ali, no meio do restaurante. Rapidamente, ele enxugou os olhos da amada. Ofereceu-lhe lenços, um copinho d'água, agarrou forte sua mão. Chegou a pedir desculpas pelo mal-estar que o ciúmes dele a causara. "Bobagem minha, amor...esquece, esquece...sei que você jamais faria isso", afirmava insistentemente. Deu-lhe um beijinho na testa e baixou a cabeça, culpado. E, naquele momento, de cabeça baixa, Afonso nem pode perceber que Sofia, outra vez, lançara um olhar de desejo em direção ao homem solitário da mesa ao lado.

Com o clima de harmonia restabelecido, e Afonso cinco taças de vinho mais alto, Sofia já não demonstrava sequer um resquício de vergonha. Se é que um dia a teve. Descruzava as pernas deixando a calcinha à mostra, mordida levemente os lábios e dava sorrisinhos sacanas para o vizinho de mesa. Com carinhos tortos na amada, Afonso falava da vida, da felicidade de tê-la como companheira. E bebia. Bebia. Bebia. A visão distorcida pelo álcool já não era mais impedimento aos desejos contidos da noiva. Ela ardia de vontades.

O cavalheiro da mesa ao lado há muito já entrara na brincadeira. Com impúblicáveis intenções, respondia aos gestos da mulher. Mandava beijos, passava a mão na genitália por debaixo da mesa. Deixava claro que se ela quisesse, poderia ser ali mesmo. Afinal, desde que o casal ocupara a mesa, a esposa - "parecia tão distinta essa vagabunda", pensava o homem - fizera questão de tornar óbvio o quanto aquele homem mexera com ela.

Afonso, agora mudo e embriagado, olhava fixamente a garrafa vazia. Piscava, sonolento. E Sofia, que não era boba, levantou-se da mesa dizendo "vou ao banheiro, docinho...fique aí...já volto!". Ao passar pela mesa do cavalheiro, fez sinal para que ele a seguisse até os

fundos, onde ficavam os toilettes. Os dois sucumbiram a um beijo lascivo e escandaloso assim que adentraram o pequeno corredor. Na primeira porta, trancaram-se. Não era banheiro nem nada. Era uma dispensa. Apertada e cheia de bagulhos - o que tornava a cena ainda mais excitante. Sofia ergueu a saia. O nobre cavalheiro, que também não era bobo, penetrou-a com entusiasmo. Sofia berra. Uiva. Afonso escuta, ao longe, a voz da amada. E pede mais uma taça de vinho, enquanto tenta compreender onde a noiva estaria berrando daquele jeito.

Sofia retorna a mesa. A pele vermelha. A consciência pesada. Mas feliz. Segura de si, faz um carinho no noivo embriagado. "Amor...pra que beber desse jeito? Vem, vamos embora. Vou cuidar de você". E, ao passar pela mesa do cavalheiro, ela desvia o olhar. Não era boba. Aquelas vontades imediatas iam e vinham...e, como uma cadela esfomeada, Sofia as saciava. Por certo, ela sabia que, com uma lágrima, poderia, mais uma vez, agarrar o pobre noivo - tão cansado de fingir não ver - e seguir adiante.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/sofia-1>